

Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 18 de Setembro de 1993 • Ano L - N.º 1292 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



O Benedito, de Moçambique, muito contente.

BENGUELA

Abrir caminho para o renascer da esperança

A ver os nossos gaiatos felizes mais vontade tenho de ajudar os outros a serem felizes também. Não busco nem quero outra razão de viver. Há-de ser pelos gestos de solidariedade e conscientização das pessoas que, pouco a pouco, a comunidade será transformada.

Quando se olha para a situação de desgraça que nos rodeia, ao perto e ao longe, sentimo-nos tão pequeninos, tão incapazes que podemos correr o risco de desanimar. É um perigo a bater-nos constantemente à porta. Pelas acções ao nosso alcance realizadas com muita devoção, comprometendo uns e outros, vamos abrindo caminho para o renascer da esperança. É o primeiro passo para a criação da sociedade nova a sair dos escombros em que foi sepultada; e está ao alcance de quantos vivem inquietos e ansiosos pelo Bem que, muitas vezes, tarda a chegar.

Queremos beber nesta fonte. Não vos canseis de ler e ouvir os pedaços de vida dolorosa que é a história actual das crianças, das mães, da maioria absoluta do povo com quem a Obra da Rua quer caminhar decididamente até ao fim. É a marca do Amor que redime e salva.

Ainda não sei como amanhã hei-de arranjar comida para tanta gente! Estou a escrever com a mão a tremer, a cabeça preocupada, o coração à flor da pele para encontrar maneiras de sair desta encruzilhada. Pais e filhos somam centenas. Até, à última hora, os discípulos do Mestre também fizeram a mesma experiência. Somos mais felizes do que eles, entretanto, porque desejamos aprender com a experiência já feita naquele tempo. O pão e o peixe chegaram e ainda sobejaram doze cestos. O sono da noite, creio, vai ser o tempo propício para calar o barulho que me consome e encontrar o caminho na manhã seguinte.

Nesta hora lembro-me daquela mãe que, no meio do trabalho em nosso campo, larga a enxada e vem a correr

Continua na página 4

CALVÁRIO

Só se ama aquilo que se conhece

O Provincial de uma Congregação Religiosa que, há décadas, se dedica ao ensino da classe alta esteve, há dias, entre nós. Sei que esta Congregação muito tem conseguido e os resultados são bem visíveis. Hoje, os quadros superiores da sociedade estão repletos de valores oriundos daquela. Há que reconhecer o mérito do seu trabalho, da sua presença eficaz na preparação intelectual de muitos responsáveis pela vida pública.

— Olhe, temos orientação superior para conhecer obras como a vossa, que se dedicam ao cuidado dos mais pobres e carentes. É importante para nós educadores de jovens — dizia-me este ilustre visitante.

Percebo a intenção desta inesperada visita, mas benvinda.

O viver em clima intelectual puro, a quem nada falta materialmente, distancia da realidade.

Por um lado, é compensador e entusiasmante ver o fruto do trabalho em mentes capazes; mas, por outro lado, será frustrante para os preparadores destas elites verificarem como elas se dissociam geralmente da vida do comum dos mortais.

Constatar que muitos homens lutam pela sobrevivência, por um lugar digno na sociedade sem o conseguirem; verificar que muitos são vítimas de doenças incuráveis, de anomalias psíquicas, de acidentes de ordem vária e, por isso, rejeitados, pode certamente levar à desinstalação, à saída do agradável mundo intelectual para o encontro com quem precisa de ajuda.

Ora, porque só se ama aquilo que se conhece, o Superior da Congregação deseja saber do viver dos mais pobres para o dar a conhecer aos seus pupilos, na esperança de que o interesse venha depois.

Fiquei contente. Não digo que baste este tempo partilhado connosco de modo informal. Mas é seguramente o início importante duma caminhada proveitosa a fazer. É o caminho indutivo que leva a outros modos de ensinar e viver.

Também surgem por aqui, de vez em quando, grupos de noviços. A mesma intenção os acompanha: conhecer os mais pobres, experimentar a capacidade de os acolher e amar.

São jovens cheios de vontade de ajudar e proporcionar, com a sua estadia, momentos de lazer, de são convívio, de descanso aos doentes.

Continua na página 4

PASSO a passo se faz caminho. Habitualmente com passos pequenos, por vezes com passadas mais longas. É de um grande passo que quero falar.

Pela primeira vez fui visitar uma pessoa detida num estabelecimento prisional e neste caso a cumprir uma pena não muito leve. Os próximos anos terá de os viver nessa situação.

Procuo imaginar um pouco o que poderá sentir olhando para semelhante futuro... se é certo que a esperança é fundamental para viver...

PASSO A PASSO

Enquanto a pessoa vai falando, vejo a liberdade a crescer dentro daqueles muros altos da prisão. Falara com um padre que o visitara e, depois de algum tempo de partilha da vida, sentira-se impellido para se abrir... para se confessar... para se reconciliar com Deus.

A liberdade ganhou corpo e com ela a ânsia de viver

aquilo que é verdadeiramente bom: na presença da família, dos cantos da casa, dos cães, dos campos que corra em menino... a saudade de viver.

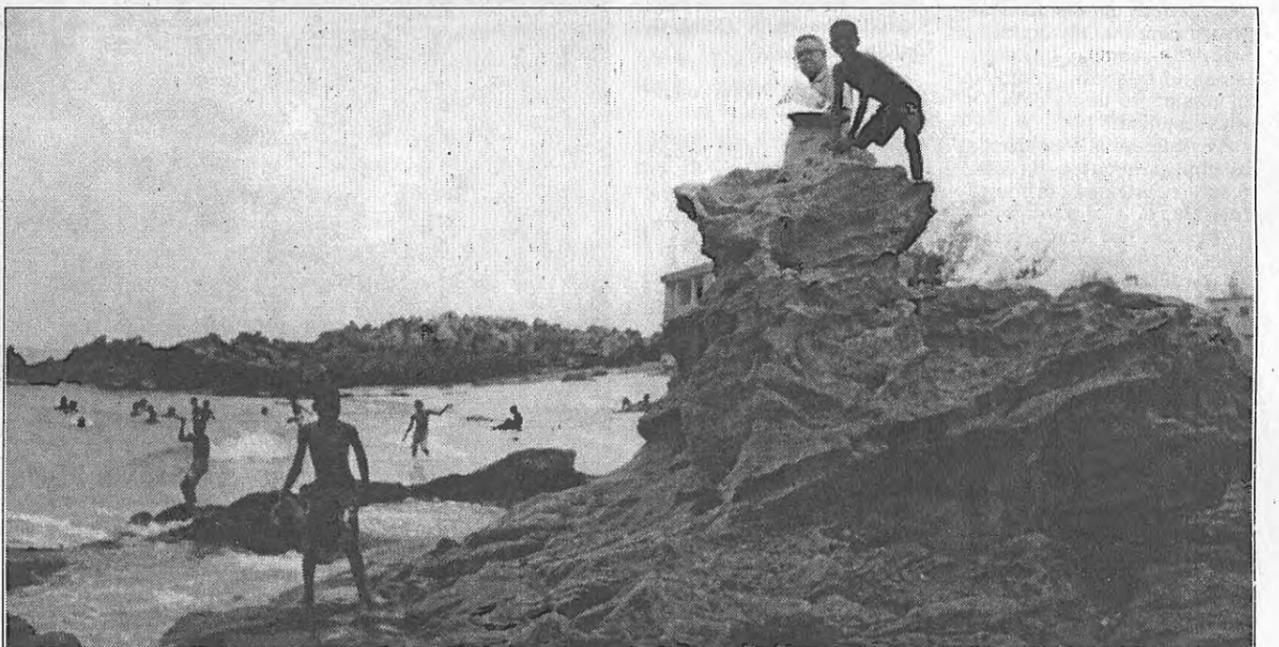
Passo gigantesco, passagem da morte à Vida. Jesus Cristo está presente pela sua Igreja, por aqueles que foram feitos pescadores de homens e a Salvação acontece.

Mais tarde, alguém me dizia que depois cá fora tudo se complicaria. É verdade... Quanto trabalho ainda para fazer, quanto esforço será pedido, quantas lutas a travar! Também aqui a Igreja com os seus pastores para protegerem as ovelhas do rebanho que lhes foi confiada e as conduzirem a prados verdejantes.

O passo foi gigantesco porque fundamental na vida — conversão do coração à Vida, aos Outros, à Liberdade... mesmo se fisicamente prisioneiro. O Espírito não pode ser aprisionado.

Padre Júlio

O Padre Manuel e os seus gaiatos na praia da Kaota, em Benguela.



Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES — Naquela tarde soalheira fomos para o Porto, de comboio. Numa estação, e no meio daquela avalanche de gente, passa uma jovem mulher que nos saúda com um sorriso discreto, d'alma cheia. Ficámos confusos. Esclarece a vicentina que nos acompanhava: «Foi uma moça a quem a Conferência ajudou nos estudos...»

Semeámos. A colheita fica sempre nas Mãos de Deus. Obviamente, nem tudo cai em terreno rochoso! Há quem se promova com a partilha dos nossos Leitores. Pode não ser logo. Mas tempo virá em que surgirão frutos.

Muito em silêncio, demos graças a Deus por ver aquela jovem mulher que, menina ainda, se preparou com um esforço digno — para lugar de futuro.

É certo que, neste diário, nem sempre referimos todo o Bem concretizado, ansiosos por acudir às maiores carências, a tudo, a todos. Deformação de que nos penalizamos!

Ainda agora botámos a mão a um pensionista que, por doença, sofre de carências porque a pensão mal dá para a mesa da família, quanto mais para a terapêutica dele e dos seus: «O dinheiro q'a gente arrecebe não chega pròs rumédios...!»

Aliviámos também uma outra que não gosta de estar com baixa. Chegou a perorar ao médico processo para se curar do incurável! «O mulher, não há solução! Isto (o recetário) é só para ir vivendo... Cumpra a dieta!»

No meio de tudo o mais, que dizer da partilha pelos Autoconstrutores? Verdadeiros heróis! Quando será que os homens públicos descobrirão a riqueza que eles produzem realmente — a bem da Nação!? É preciso descer. Conhecer e analisar os casos com olhos de ver e ouvidos de ouvir. Dar a mão a esta gente, de princípio ao fim. E até, porque não?, com idênticas facilidades — e benefícios — que usufruem alguns empresários...

Nos tempos livres, em seu duro trabalho, os Autoconstrutores investem em valioso património d'ordem social. São também um contrabalanço para o que hoje se vê: a ruína... da Família.

A acção desta gente não se contabiliza por cifrões, mas por calos nas mãos, cintos apertados (subalimentação) para conseguirem um telhado que sirva a Família. Haverá algo mais rico e oportuno, sociologicamente falando, como o levantamento duma casa — pelos sem-casa!?

É trabalhador numa indústria do ramo alimentar. Recebe quase o salário mínimo. Todavia, com o pequenino aforro familiar lança-se na aventura — respeitando a legislação em vigor: «Quero dar uma casa digna às meus filhos...!», afirma d'olhos humedecidos. Recebeu ajuda prà telha.

Outro, motorista, com salário magro também. «O que me salva são as horas extraor-dinárias...! Mas, nos sábados, domingos, dias santos e feriados vamos todos acabando a nossa casa». É num lugar saudável. Floresta. Vistas largas. Os olhos e a rude face deste homem de meia idade! A força que emerge da sua alma faz da utopia (...) uma realidade!

Pelas CASAS DO GAIATO

PARTILHA — Presença da assinante 601, de Sanguinhal, Bombarral: «Leio sempre O GAIATO com carinho e interesse e nele aprendo... para a minha vida (que não é feliz) todos os dias». Partilhou. E bem!

Assinante 28966, da Ericeira: «Cinco mil destinam-se à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Que seja por alma de minha mãe e de meu santo marido». Amor à Família!

Setúbal: «Junto com todo o carinho um cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. É pouco para tantas necessidades. Espero, em Deus, haja milhares de gotas como a minha — que bem precisas são». Assina: «Avó dos cinco netinhos, agora também bisavó dum lindo menino». Que bem!

Mais vinte contos, da Covilhã: «Partilho convosco do meu subsídio de férias para os Pobres da Conferência. Não precisam escrever. Verei n'O GAIATO se receberam». Retribuímos o expressivo bem hajam.

Mais 2.500\$00, da assinante 7186, de Aveiro. E mais uma «assinante número qualquer, de Lisboa: Vale mais ser dono/de uns tostões/que escravolduns milhões. — Para que eu não seja nem uma coisa nem outra, envio em benefício dos Pobres do Reino». Poetisa!

Assinante 31104, de Lisboa: «Porque sei que a vida é penosa e há tanta gente infeliz a precisar de auxílio, se Deus me deixar continuarei a enviar o meu contributo com grande amor e com o consolo de que mitigará o sofrimento de quem se vê em situação difícil. É a única consolação que tenho nesta vida. Que Deus se digne aceitar a minha intenção». Fica registada no Livro da Vida!

Passa, agora, o contributo do «Manel de Braga»: «Minha oferta para as viúvas». E mais 500\$00 da assinante 13912, de Castelo Branco.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PADRE JÚLIO PEREIRA — Já está em nossa Casa! Ainda não nos conhece, mas, com o tempo, começará a conhecer-nos um por um. Temos necessidade de quem nos oriente e ajude a amadurecer...

QUINTA — O milho está grande! Na altura própria, a malta do campo fará a ensilagem. Os tomates foram colhidos e temo-los comido, de

salada, às refeições! As couves ainda crescem. Foram plantadas há pouco tempo.

MATA — Houve problemas com a nossa pequenina floresta. Começava a arder, sem sabermos como nem porquê. Durante uma semana, ao fim da tarde, as chamas levantavam. Não foram poucas as vezes que os abnegados Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa — cuja Associação está a construir um novo Quartel — foram obrigados a controlar a situação.

Entretanto, um numeroso grupo de rapazes procedeu à limpeza da mata. Arrancaram todo aquele mato seco, folhas e paus que caíam das árvores e provocava a situação.

A floresta precisa de ser limpa, periodicamente, para se evitar o pior — o fogo.

FRUTA — Começou a colheita. Ainda que não esteja totalmente madura é levada para o armazém dela onde acaba por amadurecer.

Comemo-la já à sobremesa.

PRAIA — Os últimos a gozar férias foram os distribuidores d'O GAIATO que perderam dias na sua distribuição. Agora, há mais um ano de trabalho à nossa frente. É o ciclo da vida!

«Vitinho»

TOJAL

FUGAS — O «Careca» e o «Abóbora», no fim de Agosto, decidiram dar uma volta. Tantas vezes fugiram que perdemos a conta. Estão entre nós. Mas nunca tinham saído aqui da zona. Apanharam a porta da serralharia aberta e planearam uma fuga de bicicleta (parece esquisito), mas pela auto-estrada. Conseguiram chegar ao sítio desejado, Peniche, com algumas tropelias pelo caminho. Dias depois, a assistente social e GNR telefonaram. São tantas as aventuras dos nossos rapazes, que davam para escrever um livro!

OBRAS — Muitos visitantes perguntam se tínhamos feito obras em toda a Casa. Aham tudo muito diferente e têm razão, pois com tantas pinturas e arranjos a casa tem outro ar. Para estar tudo nos conformes, só falta a casa-mãe. Devido aos arranjos que precisa de levar, por dentro, só para o ano estará pronta.

TRABALHO — A tipografia já reiniciou o trabalho. Para estar a 100%, só faltam encomendas. O mesmo dizemos da serralharia. Excepto para a

carpintaria, pois os carpinteiros são poucos e há muito trabalho para fazer dentro de nossa Casa.

FUTEBOL — Uma rubrica que há bastante tempo não era aqui focada. Estamos uns bons jogadores! Ainda no dia 4 do corrente vencemos uma equipa cujo nível técnico e psicológico era fraco. Concluímos o jogo com resultado um pouco fora do normal. Se alguém estiver interessado em levar daqui uma derrota, já sabem: marquem encontro.

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Com a mudança dos nossos Pobres da rua da Bandeirinha para as casas da Câmara, alguns deles não deram mais sinais de vida, perdemos o contacto e a expectativa foi esmorecendo. Há dias fomos contactados pelo telefone: «Aqui é a Teresa, a mãe das gémeas. Olhe, eu não venho pedir nada, não preciso de nada. Mas sinto-me tão feliz com a minha casinha... Graças a Deus estou feliz! Nós

estamos todos bem, o meu filho já casou e o meu marido é outra pessoa, muito nosso amigo. Quero agradecer tudo que fizeram por nós. Agradeço também às pessoas que nos ajudaram através de vocês. Gostava tanto que me viessem visitar para verem como ela é bonita!»

Tínhamos medo que eles não reagissem favoravelmente à mudança. O álcool e a dependência do marido de estupefacientes levou-nos a pensar o pior. Ficámos também felizes por nos contactar e em breve vamos lá fazer uma visita.

Os nossos Padres, da Obra, tinham razão quando nós, preocupados, desabafávamos sobre estes casos: «É preciso ter fé e saber esperar. Vocês fizeram o que podiam. Continuem».

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Cinco contos: «É um 'nada' perante o 'mundo' das vossas necessidades» — anónimo, de Lisboa. Assinante 9708: «Vejo pouco, mas a leitura d'O GAIATO não falha. 5.000\$00 para o que necessitarem». M. Margarida, 3.000\$00. Cristina, de Ermesinde, 12.000\$00 para o caso mais urgente. 2.500\$00 do assinante 10770. 10.000\$00 da Av6 alentejana que muito nos ama. Anónimo, de Tondela, 5.000\$00. «Pelo bem que me faz ler o vosso jomalinho», 5.000\$00.

7.000\$00, de M.M.: «O Senhor toque no coração daqueles que tanto podiam partilhar». Anónimo, 10.000\$00. Av6, de Massamá, 2.000\$00. De J.R.D., 2.000\$00. Assinante 3359, 1500\$00. Vale do correio, de 5.000\$00, de M. Adelaide. Mais 2.000\$00, da assinante 8896. Rua da Venezuela, Porto, 17.500\$00. Assinante 28369, 10.000\$00. De Barcelos, 5.000\$00 «para as necessidades de maior urgência e Deus vos dê muita coragem e valentia». A.S.B.F., de Lisboa, 5.000\$00. «Mando aqui este bocadinho, 1.000\$00, para o mais pequenino», da Esplanada do Castelo. Amiga, de Pinheiro de Loures, 1.000\$00. «Junto 7.000\$00 para os meninos», da Lurdes — Mafra. Oliveira de Azeméis: «Mando esta pequena migalha pedindo ao Senhor que mais corações sejam tocados para este auxílio».

Muito obrigado pela ajuda que dão aos Pobres e pelas palavras de encorajamento.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Adelaide

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Os pedreiros já regressaram de férias e logo se agarraram ao trabalho: rebocar paredes dos azulejos, junto do dormitório dos médios. A casa-mãe está quase pronta. Só faltam as escadas. Os calçeteiros começaram a calçar junto à lavanderia.

GADO — Têm sido abatidos frangos com a ajuda do Bandarra. Uma vaca deu à luz um vitelinho. Agora, esperamos que as galinhas novas comecem a pôr ovos. Os gaios estão grandes e habituaram-se à gaiola.

FRUTA — Está quase madura. Na vinha e nas latadas as uvas estão quase maduras também.

E os marmelos ainda verdes. São para fazer a marmelada e a geleia.

CARAS NOVAS — O Helder veio de Lisboa. Tinha cá um irmão — o Bruno. O Carlos e o Luís, do Porto, são irmãos. Esperamos que gostem da nossa Casa e se habituem à nossa Família.

Frederico



O terceiro turno (na gravura temos o segundo) chegou de férias, em Azurara. Prontos a retomar as suas funções em nossa Casa. Correu tudo muito bem, graças a Deus. Nas primeiras semanas, tivemos connosco um grupo de jovens, de Marco de Canaveses, muito simpáticos. Acamparam ao nosso lado. Antes de regressarem, ofereceram umas bacias de carne, T-shirts e bonés. Obrigado. O tempo esteve razoável e foi muito bem aproveitado por todos. Agora... só para o ano! Deus permita que a estadia em 1994 seja igual à de 1993. — Shéu

AGORA

Em muitos lares O GAIATO faz parte do património familiar

Para não perder o nexo ao assunto que a extensão deste título, no último número, me obrigou a interromper — aí vai a carta que disse não sofrer que vá amputada:

«Este ano sou eu a cumprir esta obrigação anual de pagar o jornal. É que o meu pai faleceu. Foi um homem bom, justo, honesto, íntegro, amante de Deus e do Próximo. É sempre duro perder o nosso pai; quando se perde um pai assim, é duplamente doloroso.

Foi ele que nos deu a conhecer a Obra da Rua. Recebia e lia sempre o jornal; tinha os livros todos do Padre Américo; falava-nos da Obra com grande entusiasmo, que a pouco e pouco nos foi contagiando também.

Levei-o, há alguns anos, a visitar Paço de Sousa, desejo que ele mantinha há muito tempo. Demorámo-nos a percorrer a Aldeia, guiados por alguns gaiatos. Era desejo dele, também, visitar o Calvário. Infelizmente, já não fui a tempo de satisfazer esse seu anseio.

Penso que o meu pai conseguiu atingir o objectivo que se propôs, quando nos inscreveu como assinantes d'O GAIATO: dar-nos a conhecer um outro mundo, uma outra realidade, para ficarmos a saber que nem todos têm um pai e uma mãe extremos a fazer de nós homens de bem, o que, para mal de todos nós, vai escasseando cada vez mais. Sabemos hoje isso, mas sabemos também que apesar da onda avassaladora de materialismo e consumismo desenfreados que grassa por todo o mundo, e que é a primeira causa de todos os males que nos afligem, sabemos também, dizia eu, que existem outros homens, com H grande que dedicam as suas vidas inteiras a tentar substituir as mães e os pais de muitos que os não têm. O trabalho que é feito nessas Casas não tem valor quantificável, porque é um trabalho feito com amor. Paralelamente, não se pode avaliar a transformação de rapazes da rua em homens de bem, que, de outro modo, iriam quase todos engrossar os bandos de delinquentes que pululam por esse País.

Eu vivo numa localidade onde existe um centro de recuperação de crianças delinquentes, dependente do Ministério da Justiça através do Serviço Tutelar de Menores. Aqui não se recupera nada; pelo contrário, apenas se esbanja o dinheiro de todos nós. Eu não acredito em formação integral e muito menos em recuperação de crianças já delinquentes, sem ser pelo trabalho. Manter jovens completamente ociosos, à espera da

maioridade, não conduz a qualquer resultado positivo. Esse é um dos aspectos que mais admiro nas vossas Casas: o trabalho! Todos com uma tarefa definida, logo da mais tenra idade. Tomai cuidado não vão ser acusados de exploração de trabalho infantil!!

Perdoem-me esta divagação. E atrevo-me a fazer-lhes um pedido: lembrem-se de meus pais nas vossas orações.»

Falávamos do amor à Obra da Rua de Pais que o transmitiram a seus filhos. É realmente uma nota bela de que esta carta é documento convincente. Uma nota bela... e feliz porque algo frequente, a demonstrar que O GAIATO, em muitos lares, faz parte do património familiar. Quando agora, em campanha de assinaturas nas nossas paróquias onde a presença juvenil é minoritária, me acontece pensar que vários dos novos assinantes não o vão ser por muito tempo, conforta-me a esperança de que O GAIATO possa ser naqueles lares fermento de um interesse continuado que os pais poderão legar aos filhos.

Um desabafo

De Lisboa, este desabafo:

«Em fins de 91, eu tinha pedido que fosse então a minha dádiva para a ajuda de uma casa para um casal jovem e para a Casa do Gaiato de Moçambique. Os problemas de África afligem-me. Na altura pensava Moçambique mais pobre que Angola. Agora já não sei. Sou também muito sensível às dificuldades dos jovens para arranjam uma casa onde possam criar com dignidade uma família. Não sei, Padre, onde este dinheiro será mais útil. Por isso lhe peço que faça o que achar melhor.

Sinto que, como cristã, não deveria pensar no aumento do que tenho, quando à minha volta há ainda tanta gente necessitada. A oração que o Senhor nos ensinou bem nos convida a pedir apenas o pão nosso de cada dia e gostaria de ser mais generosa, menos previdente. Tudo isto é apenas para dizer que, quando tiverem necessidade de qualquer dádiva para resolver um pequeno problema, recorram a mim, exijam o que é meu dever de cristã dar e que um certo egoísmo e muita inércia me levam a adiar.»

Bendita inquietação! Quem poderia calar este testemunho do mais puro espírito evangélico, com a dobrada eloquência do pregador que não o faz por ofício?!

O amor que reina no seio de uma família quando é autêntico não cabe nela, transborda.

Ora vejam!:

«Era meu marido que costumava preencher o cheque mas, infelizmente, a morte levou-mo em Fevereiro passado.

O que vai a mais, será para empregarem no que entenderem; mas, o que eu mais gostaria era que fosse para ajudar alguém necessitado de habitação, pois muito me aflige ver gente a viver em condições tão desumanas. O problema da habitação é talvez o mais grave do nosso País, sendo, a meu ver, a causa principal de muitos crimes tais como a prostituição e o incesto.

Peço também para lembrarem a alma de meu marido que tanto gostava de viver e que o jornal continue a vir em seu nome.»

Presenças que brotam do calor de um lar

E a fechar, por hoje, esta «nota bela» de presenças que brotam do calor de um lar onde se vive o que Fernando Pessoa cantou: «Coração oposto ao mundo / Como a Família é verdade!...» — a abertura de coração de «uma jovem espiritual de 74 anos» que acrescenta:

«Trabalho com as Missões e felizmente sou vicentina; por aqui compreendo as vossas dificuldades para ajudarem todos os que lhes pedem protecção.

Leio o nosso O GAIATO de fio a pavio logo que ele chega; por vezes estou deprimida e ele ajuda-me muito.

Sou mãe viúva com nove filhos, 15 netos e 1 bisneto. Tenho o Pão Nosso de cada dia, que tem de ser muito orientado para chegar mensalmente. Tenho uma filha deficiente que vive comigo.

Sou estimada e respeitada pelo rico e pelo pobre, pelo novo e pelo velho; os filhos são meus amigos assim como os meus netos... — Que mais quero eu?»

Ó mulher sábia: rica, feliz!

De perto de Santo Tirso:

«O valor deste cheque é fruto de uma promessa que em momento de aflição eu fiz a um Santo da minha devoção. Falei com o meu pároco e ele entendeu que essa quantia poderia ser mais útil em outros fins, que não aquele em que tinha pensado. Conheço-vos pela leitura d'O GAIATO do qual um familiar que habita em minha casa é assinante. Reflecti... e senti que era mesmo para aí que devia mandar o dinheiro, que pode ser aplicado da forma que melhor entender.»

Será aplicado no auxílio aos Autoconstrutores. E quem dera que muita boa gente

reflectisse e consultasse o seu pároco e recebesse dele conselho semelhante — que em tanta cera e outras nulidades se queimam as promessas!

De Valadares, um milhão «para liquidar a assinatura do jornal e o remanescente para tijolos de casas mais necessitadas».

Um desejo grande

De Coimbra, uma vintena e um desejo grande:

«Reparti como melhor entenderdes (Casa do Gaiato, Calvário, Autoconstrução, África... eu sei lá) a pequenina quantia que junto. É tanta coisa a urgir e tão pouquinho o que envio... Que o Senhor me ajude a ser melhor e mais generosa.»

Da Bairrada, «a partilha do meu subsídio de férias» e um coração repartido por muitas aflições de outros, para quem pede: «Lembra-os comigo, ao Senhor». Que «aqui há casos sociais terríveis, derivados sobretudo do alcoolismo. E o pior é que a melhoria das condições materiais não tem servido para melhorar as condições das pessoas».

E termino com duas remessas de «gente simples e boa» que nos chega por mãos amigas, que se apresentam também elas, muitas vezes, sempre escondidas. Esta do concelho da Feira:

«A oferta que segue neste cheque, embora vá em meu nome, não é minha, mas sim duma antiga empregada que acolhemos quando não podia trabalhar e ninguém a queria. Faleceu em Março. Era a Rosa. Como tinha a sua reforma e fazia pouca despesa, consegui juntar uns tostões. Estes deram para a despesa do funeral, para mandar celebrar Missas e também para repartir tudo o que restou.

Que Deus tenha a sua alma no Céu.»

E esta, de à beira da Espanha:

«Junto cheque para o seguinte: um milhão, oferta de um casal que já faleceu, destinado à maior necessidade deste momento. Foi um casal trabalhador, seus herdeiros directos, gente simples e boa. Apenas se pede sejam lembrados no *memento* dos defuntos, pois é natural que ninguém se lembre deles.

Os duzentos são para o jornal, com o pedido de ser enviado para dois jovens que tenho esperança que com a doutrina, em todos os sentidos, do jornal, adquiram o sentido de bem fazer ao Próximo.»

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

O Verão tem o condão de ser propício à aventura

Os meses de Verão têm o condão de serem propícios à aventura. Creio que sucede em nossas Casas e pode também suceder em algumas famílias. São meses quentes onde a necessidade primária de se encontrar um abrigo não se torna tão premente. Também a alimentação quase se encontra assegurada pela mãe natureza. É igualmente um abrandamento do enquadramento

normal do ano lectivo em que as horas estão melhor aproveitadas. Em nossas Casas acontece também uma certa instabilidade com as partidas e chegadas dos que vão passar alguns dias à praia. Se a ocasião aparece, aí temos nós alguns em aventuras sem futuro.

Este ano sucedeu com dois que já são mais do que experientes neste tipo de situações. A oficina de serralharia, onde se encontram as bicicletas, ficou aparentemente fechada, mas efectivamente aberta. As bicicletas logo encheram os olhos do «Abóbora» e do Catarino e o espírito não resistiu. Aí

vão os dois. Sobre as aventuras vividas, as ditas bicicletas não voltaram para contar, e eles não conseguem explicar tudo. Um apareceu com o nariz e a cara toda um pouco maltrada dizendo que a culpa tinha sido do outro. O outro trazia algumas mossas nos braços mas não tinha sido ele o culpado. Ao certo é que os dois foram parar às instalações e cuidados das forças da ordem, em dias diferentes.

Como regra não vou buscar os fugitivos. Peço que as forças da ordem, ou alguém os venha trazer, ou eles venham pelos seus próprios meios, uma vez que sabem o caminho. Isto

não significa que não deseje o regresso deles. Desejo o seu regresso mas precisamos de dar a entender a gravidade do sucedido e ao mesmo tempo eles precisam de aprender que as suas fugas não têm futuro porque a sociedade tem maneiras de não os deixar fazer o que querem e lhes apetece. Sobretudo aqueles que nos foram confiados pelo Tribunal de Menores, procuro que sejam as forças da ordem a fazer a entrega. Honra seja feita, tenho tido da parte das diferentes forças, quer guardas quer polícias, a melhor colaboração e mostras de estima. Neste

caso concreto, um dos miúdos foi transportado até aqui, o outro tive que ir buscar.

Achei curiosas as explicações e a forma como tudo decorreu. A meio da tarde recebi um telefonema de um posto das ditas forças da ordem. Vinha mal humorado dizendo-me que já tinha gasto mais de quinhentos escudos em telefonemas para uma senhora Assistente Social e que ela não estava, nem ninguém para a substituir. Que fosse eu buscar o pequeno. Expliquei que ele estava entregue pelo Tribunal de Menores e pedia para o virem trazer. Responderam que não tinham gásóleo para andar a gastar. Respondi que pagaria o gásóleo. Continuou dizendo que isso não fazia parte das

suas atribuições. Procurei explicar-lhe que, no meu entendimento, fazia. Depois não tinham carro disponível e finalmente recebi a ameaça de que se não fosse buscar o rapaz até às tantas da noite o deixariam novamente entregue a si próprio.

Será que o Orçamento do Estado está assim tão mal que não permite às suas próprias forças de segurança desempenhar cabalmente as suas tarefas?; ou será que há pessoas a desempenhar cargos e que não deveriam lá estar?... Quantas vezes nos faz falta a colaboração da sociedade e quantas vezes nos gastamos com coisas que são óbvias mas não estão entendidas.

Padre Manuel Cristóvão

MALANJE dia-a-dia

08/08/93

Chegaram dois aviões da Caritas com alimentação. Uma gota de água — mas sempre vai refrescar a língua.

Como repartir se toda a população está carenciada, digamos com fome?

Olhei alguns centros de distribuição, por bairros e lugares pobres: uma luta pela pequena porção, uma violência e alguns roubos do pouco que havia. Tive imensa pena das Irmãs no meio de tamanha confusão. Nunca imaginei que a fome descontrolasse as pessoas a tal ponto.

— *Que vamos fazer?* —

interrogou uma Irmã.

— *Levar aos mais doentes e aos mais velhos, a suas casas e às escondidas* — alvitrou outra.

E as crianças?

É a manta do Pobre, que somente resguardou do frio ao que ficou no meio.

10/08/93

Levamos ao Hospital o velho André. Cara e pés inchados. Falta de proteínas. Falta de carne. Precisava de comer carne. Só comprimidos não resolve. Ficou a soro. Irá morrer.

O Filipe veio e desmaiou no caminho. Magrinho que ele está! A mulher fugiu e

deixou-lhe os filhos... Ele está sem forças para os sustentar...!

12/08/93

Dezenas e dezenas de crianças — cujos pais morreram nas lavras quando foram buscar mandioca.

Gestos lindos e heróicos os de algumas famílias — ainda saudáveis — que recolheram em suas casas algumas destas crianças!

Exemplos admiráveis! Assim nós saibamos vivê-los em nós próprios.

Estas famílias africanas com tanta dificuldade para arranjar comida para elas e, dum golpe, entram mais

duas, três ou quatro bocas...

Ser solidário, é isto!

Ser filho do Reino, é isto!

Ser testemunha do Senhor, igual!

Sem esta alma, sem este amor nem as bonitas orações ou as famosas congregações a que pertencemos nos salvam.

Deus encarnou e nasceu na grutinha para ser um de nós e conosco...

É dever de cada cristão o assumir a dor dos irmãos.

E o dever das pessoas consagradas? Pois, «encarnar e ser um com o Povo».

«*Eu vi a miséria do Meu Povo... Tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus opressores. Conheço, pois, a sua dor*» (Ex 3, 7).

Padre Telmo

CALVÁRIO

Continuação da página 1

Muitos estremezem com as situações de doença que ignoravam. Espantam-se com o abandono que, por causa dele, muitos sofrem. Ficam admirados sobretudo com a valorização das potencialidades em pessoas tão diminuídas. A presença de uns aos outros nos cuidados elementares, a disponibilidade para tudo quanto é preciso, a alegria de servir o Próximo são lições de alta sabedoria que os simples dão aos inteligentes e que ninguém vai esquecer ao ter os olhos abertos sobre o dia-a-dia desta comunidade.

Este jovens, por vezes, ficam a olhar e a descobrir como todos se ocupam, revelando dotes adormecidos, inexplorados.

Segreda-me uma noviça ao partir:

— *Isto deixa marcas na gente!*

Estes rapazes e raparigas vêm conhecer os Pobres, medir forças para estar ao lado deles. E percebem, afinal, que os Pobres são grandes mestres para os obreiros do Evangelho. É uma caminhada nova a percorrer!

A mesma noviça diz-me acanhadamente a razão formal da vinda do seu grupo:

— *Vamos fazer a experiência limite.*

Este limite refere-se à qualidade da experiência. E esta é a derradeira etapa na preparação para os votos solenes. A palavra limite é bonita e adequada ao trabalho efectuado com doentes. Contudo, se acompanhasse a entrega da vida, mais bonita seria. Ficar a vida toda, isso sim, seria a verdadeira experiência limite.

Padre Baptista

Vistas de dentro

Os nossos malanjinjos

Todos os anos se reúnem e agora fizeram-no em Coimbra. Vieram de Setúbal, Vendas Novas, Lisboa, Cascais, Miranda do Corvo, Porto, Penafiel, Paredes, Guimarães e outras terras. Ao meio-dia de sábado estavam no Rossio de Santa Clara. Depois dos beijos e abraços e exclamações de muita alegria, seguimos para o Choupal, parque das merendas com a sombra das árvores e o Mondego a refrescar ao lado. Toalhas nas mesas, cestos abertos, saca-rolhas nas mãos e os farnéis ao dispor de cada um. Todas as mesas com o melhor que cada um conseguiu trazer.

Depois do estômago composto e do café no bar vizinho reunimo-nos à volta duma das mesas. Dei-lhes notícias que o «Pomba», chegado na véspera, tinha trazido de Malanje: a nossa Casa sem vida, as rajadas de metralhadoras, a quinta sem culturas, as árvores sem fruto. O abandono de todas as aldeias vizinhas. Fugiu toda a gente. O deserto que se sente. Disse-lhes também que, na véspera, tinha falado ao telefone com Padre Telmo. Mal terminei a notícia todos se levantaram e com os braços no ar gritaram: — *Viva o nosso Padre Telmo! Se ele cá vier queremos todos vê-lo.*

Estremezi interiormente e comovi-me. O amor revelado naquele gesto e naquele levantar de mãos! O grande sinal de amor de família! Os filhos que querem abraçar o pai!

Ao fim da tarde juntámo-nos no nosso Lar e celebrámos a Eucaristia. Procurámos centrar toda a nossa vida no Senhor que nos congrega e nos oferece o Seu Pão.

Depois seguiram para a cozinha a preparar o jantar. Comeram e dormiram. No dia seguinte, tomando o pequeno-almoço, foram para a nossa casa na Praia de Mira e ali confeccionaram o almoço; e, tarde além, com muitos gestos familiares, se despediram até breve. Cada um partiu com o coração e a alma cheios. Uma reunião feliz!

Uma festa de casamento

O terceiro filho do nosso José da Rocha casou, no sábado, em sua terra. O Zé

quis que não faltasse um padre da rua.

Senti-me muito contente pela festa de família e o carinho com que ele, a mulher e os filhos me receberam e a alegria na apresentação dos netos. Uma família modesta e sempre equilibrada na vida.

Estavam todos os familiares, alguns emigrantes que também não quiseram faltar.

A nossa grande Família continua a crescer! Que cresça sempre com a bênção de Deus.

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

Uma visita

Era um sacerdote ainda jovem, marcado pela generosidade da consagração e de olhar fito numa mão cheia de anos pela frente como promessa.

O local onde o mandato do Bispo, a Provisão canónica e a necessidade pastoral sentida, o instalaram, era humanamente belo e reconfortante: à beira de um santuário.

Circundavam a casa do bom pastor, belos pomares e vinhas; uma mão de natureza luxuriante num pequeno

planalto da Estremadura.

Fui lá, a seu convite, ver uma família das suas — um ninho esquecido nos beirais do seu redil. Falámos longamente de tempos já idos e de sonhos belos vividos em comum nos tempos de Seminário. Apreciamos a distância do sonho à realidade sem desilusão.

Depois da louça e dos tachos veio à liça o «problema» económico: «*A beira de um santuário nunca se passa fome!*...» — disse. «*Até as aves do céu o atestam!*...» — conclui, gracejando.

Continuação da página 1

BENGUELA

pedir-me que vá ver onde está a dormir, sem nada, absolutamente nada! E fui com ela. E vim na mesma hora sem ela buscar cinco chapas de lusálite para a abrigar a ela mais os filhos. Tão pouco... Mas nem esse pouco pode alcançar sem a mão que a ajude. E a situação geral. Aqui está a desgraça maior. Não tem outros pontos de referência senão a Casa do Gaiato.

Quem olha por este povo? Dois sacerdotes da Diocese de Aveiro estiveram entre nós em grande missão de serviço. Um já conhecia a realidade e ficou ainda mais preso a ela. Outro veio pela primeira vez e regressa com a dificuldade de falar de pobreza na sua terra diante do espectáculo que seus olhos viram. E preciso ver para acreditar. E preciso conhecer para amar mais.

Não fosse a vossa mão generosa havíamos de sofrer muito mais e esta gente também. Não vos canseis, pois. Levantai o vosso coração. Libertai o vosso coração do que vos impede inutilmente de fazer o bem. A causa não está perdida. O terreno está preparadíssimo para as sementeiras. Enquanto as armas semeiam a morte de maneira horrível, outro campo de batalha se oferece para os obreiros da Paz.

A alegria dos nossos pequenos é o melhor testemunho que posso dar.

Padre Manuel António

DOCTRINA



A alegria de viver com garotos da rua...

A Casa do Gaiato leva a Cruz de Cristo nas velas e singra a todo o pano, em mar de bonança. Nas férias (...) esteve à cunha, com visitantes instalados no que é deles, grulhas e irre-quietos, como convém à sua índole e idade. Foi uma semana «atestada», como eles dizem. Paparam léguas nos pinhais, deram batalhas nos campos e escreviam o verbo rir a tinta de cor, por onde quer que passavam. A mesa era posta ao ar livre, no terreiro da quinta, debaixo do azul do céu; os garotos dão-nos a mão com ternura eloquente, antes do balbuciar das orações. Um dos mais pequeninos, no final do jantar, disse: «*Ó senhor Padre, vossemecê tem uma cara tão bonita!*» Maneira grata de dizer que a sopa estava bem feita.

EM regra, há sempre uma das mães do gaiato, na Casa; a última esteve três semanas, outras terão a mesma sorte. Torna-se assim mais casa de família. São ótimas donas de casa, estas mães, uma vez colocadas no seu elemento, com despensa aberta e cozinha apetrechada. Elas próprias lançam-se espontaneamente na lida doméstica: roupa no coradoiro, asseio na casa, ordem em tudo; e tratam generosamente os filhos dos mais, como se fossem seus.

É preciso que os gaiatos jamais percam de vista a mãe; senão a deles, outra semelhante à que deixaram em casa. E que oçam, todos os dias e a cada momento, um «vem cá meu filho» para que se não perca o sabor nem o amor da família. As coisas chegadas ao pequenino por mães, têm infinitamente mais valor e sabem melhor do que as coisas mais altas servidas por mãos estranhas. Só elas, as mães, têm o segredo de curar com um sopro as feridas dos filhos e, com um beijo, adormecê-los. Se tu quisesses, em vez de oito eu tinha oitenta gaiatos na Casa deles; mas o teu desejo é deixar um testamento muito grande «a bem da Nação»!

O. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Disse-lhe do ninho por mim visitado, algures, num daqueles beirais longe do seu santuário. Que a mãe tem quatro meninos sem que na cédula de nascimento, de algum deles, conste o nome de pai; que era fácil localizá-lo: bem rente à sua igreja; onde outras cegonhas faziam bem alto o seu ninho: Testemunhas de Jeová, Mormoones, Meninos de Deus e outros... Tão junto que até o Senhor havia de ter, algumas vezes, no seu silêncio amoroso, o chorão daqueles meninos por companhia.

A certa altura percebi que estávamos lendo páginas diferentes... E, não fora o assunto da Nova Evangelização, ter-nos-íamos zangado!...

Foi aqui que nos juntámos outra vez. Falámos, discutimos. Há projectos maravilhosos sobre o assunto.

Padre João



Gaiato

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (056) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239